

Contribuições de Edgar Morin para uma educação transdisciplinar em saúde

EDGAR MORIN'S CONTRIBUTIONS TO TRANSDISCIPLINARY HEALTH EDUCATION

*Vilma Ribeiro**

*Viviane Cristina Cândido***

RESUMO

Considerando a atual situação de pandemia mundial, causada pelo coronavírus, na qual presenciamos a convocação dos profissionais da saúde para além de suas áreas técnicas, dando origem a uma demanda humana em todas as suas dimensões e, a partir desse cenário, a necessidade exposta de melhor refletir acerca da formação dos profissionais de saúde para o enfrentamento de situações difíceis na prática do cuidado e assistência, o presente trabalho buscou refletir sobre quais saberes estariam em questão e a possibilidade de uma transdisciplinaridade na Educação em Saúde, a partir do pensamento de Edgar Morin, abordando a epistemologia da complexidade como um caminho para a educação em saúde do presente, destacando dois dos saberes apontados pelo autor como necessários: a condição humana e o princípio da incerteza, temas esses que podem ser discutidos pelo viés da filosofia fundamentando uma perspectiva e atuação transdisciplinares.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da saúde; Transdisciplinaridade; Condição humana; Edgar Morin; Educação em saúde.

ABSTRACT

Considering the current situation of worldwide pandemic caused by the coronavirus, in which we witness the call of health professionals beyond their technical areas, giving rise to a human demand in all its dimensions and, from this scenario, the exposed need for to better reflect on the training of health professionals to face difficult situations in the practice of care and assistance, this study sought to reflect on what knowledge would be in question and the possibility of transdisciplinarity in Health Education, based on Edgar's thought Morin, addressing the epistemology of complexity as a path to health education in the present, highlighting two of the knowledge pointed out by the author as necessary: the human condition and the principle of uncertainty, themes that can be discussed from the perspective of philosophy, supporting a perspective and transdisciplinary action.

KEYWORDS: Philosophy of health; Transdisciplinarity; Human condition; Edgar Morin; Health education.

* Pedagoga, psicóloga e pesquisadora do Grupo de Filosofia da Saúde UNIFESP/CNPq, São Paulo, Brasil. vrpsico@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-9712-4920>

** Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Educação, graduada em Filosofia e Pedagogia. Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>

Introdução

Um minúsculo vírus surgido, de repente, numa longínqua cidade da China criou um cataclisma mundial. Paralisou a vida econômica e social em 177 países e engendrou uma catástrofe sanitária cujo saldo nacional e mundial é sombrio e alarmante. (MORIN, 2020, p.21).

Reconstruir saberes, repensar paradigmas, rever conceitos, reorganizar fundamentos, reestruturar a sociedade, remodelar o pensamento, reorganizar o tempo, refazer-se. Nesse tempo pandêmico o uso do prefixo “re” permeia nosso vocabulário. Sem distinção de área do conhecimento e atuação estamos todos a nos rever. Torna-se premente que venhamos a considerar a tensão do momento como uma provocação para o avanço do conhecimento, bem como para uma reflexão crítica acerca de nossa forma de ser e estar no mundo, individual e coletivamente.

Particularizando campo da saúde – neste momento em grande evidência – apresenta-se a necessidade de repensarmos a formação dos seus profissionais considerando, principalmente a necessidade de contribuir para que possam posicionar-se e fortalecer-se para o enfrentamento de situações difíceis, que hoje se apresentam no enfrentamento da Covid-19, mas estão presentes o tempo todo em suas vidas, no campo de suas atuações. Dor, sofrimento e morte são temas do dia a dia destes profissionais e, há muito, exigem deles respostas que, nem sempre, estão preparados para dar.

Nossa provocação pretende evidenciar a necessidade de uma perspectiva transdisciplinar do conhecimento e uma atuação igualmente

transdisciplinar entre os saberes que são ensinados, o que, há algum tempo vem sendo discutido na área da Educação por nomes como Ubiratan D'Ambrosio (1997) e Basarab Nicolescu (1999), na filosofia por Hilton Japiassu (2006) e, especificamente no campo da saúde, por Patrick Paul (2013), dentre outros autores.

Pensada e discutida há muito, a Transdisciplinaridade, nesse momento, se apresenta como uma via de possibilidade para uma discussão mais ampla na formação em saúde e que considere todos os aspectos da atuação de seus profissionais, bem como daqueles que por eles são atendidos. Como apontado por Paul:

Considerar o ser humano em sua globalidade, que envolve a subjetividade, e resgatar o sentido da vida supõem uma abordagem plural que ultrapasse o quadro da causalidade simples. Essa constatação admite uma dupla problemática. Ela propõe, com efeito, um novo estatuto do homem que não se limite, na medicina, às leis da biologia e às suas consequências fisiológicas ou farmacológicas, mas que possa valorizar também a humanização dos cuidados médicos. Ademais, visto que os problemas apresentados podem ser diferentes de uma pessoa singular para outra e de uma doença para outra, pode-se convocar especialistas que possuem competências diferentes, o que suscita a questão do relacionamento e da coordenação entre disciplinas e entre competências diferentes. (2013, p. 55).

Portanto, numa perspectiva transdisciplinar ampliam-se a visão de mundo e do homem, a interlocução entre os saberes e a atuação daqueles que a vivenciam. Para que seja possível e realizável tal perspectiva exige uma formação capaz de abarcar toda a complexidade humana, o que traz em seu bojo, entre outras, a pergunta que nos põe a filosofar: “Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos?” (NICOLESCU, 1999, p.1)

Nesse sentido, podemos pensar em uma ampliação no conceito de formação, que aponta para a transdisciplinaridade, como aquela que ultrapassa as barreiras colocando-se entre as diversas áreas do conhecimento, propondo uma unidade e opondo-se a fragmentação, realizando o cruzamento de especialidades, onde conceitos de um campo de saber transitam entre os demais, promovendo uma unidade que é um imperativo na atualidade. (NICOLESCU, 1999, p.16).

Para nos guiar por um caminho de reflexão sobre o tema, recorremos a Edgar Morin, um dos grandes pensadores da atualidade, nascido em 1921; com uma ampla formação que passa pela Antropologia, História, Filosofia, Educação, Literatura, entre outras. Em sua mais recente obra, escrita no calor deste momento, *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, deixa suas contribuições para repensarmos um mundo pós-pandêmico a partir de um retorno aos seus principais conceitos, como complexidade, condição humana e a incerteza.

Segundo Morin, repensar, rever, são expressões que povoam nossa linguagem nesse tempo de incertezas, a desestabilização provocada pela crise parece um convite a reaprender, posturas pessoais, profissionais e sociais. Todos os segmentos foram afetados, não houve nenhuma área que tenha ficado imune ao vírus, é fato que todos os setores passaram por mudanças significativas, algumas já ocorreram durante o enfrentamento, e outras ainda estão por vir. Fomos afetados e assim, sem regulação que mantivesse o equilíbrio já alcançado, vivemos e viveremos transformações. (2020, p.31) Ao falar sobre crise afirma que: “Nos sistemas vivos,

sobretudo, os sociais, o desenvolvimento vitorioso dos desvios conduz a transformações retrocessivas ou progressivas ou mesmo a uma revolução.” A crise suscita dois processos contraditórios, pode estimular a criatividade na busca de soluções ou a busca pelo retorno à estabilidade. (2020, p.32 e 33)

Entre os vários campos que foram desestabilizados, notadamente, Educação e Saúde sofreram grandes impactos e precisaram reagir e se reinventar de modo quase instantâneo, praticamente não houve tempo para reação, mas eram necessárias tomadas de decisões urgentes. No relato sobre as ações que foram tomadas, o professor Nildo Alves Batista presidente da ABEM, (Associação Brasileira de Educação Médica) aponta no artigo: *Os primeiros impactos da pandemia nas nossas escolas médicas*¹ que houve uma convocação das escolas no sentido de dialogar com seus pares, em um evento que possibilitou a discussão sobre as mudanças significativas que ocorreram tanto na vida pessoal como profissional de educandos e educadores. O encontro buscou ouvir também sobre os impactos das mudanças no âmbito institucional e os consequentes desafios, pois como constata o professor era necessário considerar essas questões da nova fase para que, assim, pudessem prosseguir. (BATISTA, 2020, p.11).

As discussões para elaborar caminhos para uma prática em tempos tão difíceis realizaram-se a partir de uma visão educacional dialética,

¹ Os textos desta seção são transcrições adaptadas das falas realizadas na primeira *live* do painel “A escola médica na epidemia de COVID-19”, realizada em 20 de maio de 2020 e promovida pela ABEM – Associação Brasileira de Educação Médica, que teve como convidadas Dra. Jacqueline Teixeira Caramori, Dra. Maria Helena Senger e Eduarda Ferreira Matoso, com a mediação do Dr. Nildo Alves Batista.

que apontou para a necessidade de interconectar saberes para alcançarmos novas perspectivas que ajudassem a vencer as adversidades da nova realidade

[...] mediante a crise continuamos a desempenhar nosso protagonismo na formação do médico no Brasil, assumindo a perspectiva histórica e dialética da educação como prática social, que interconecta saberes, articula experiências e produz conhecimentos e modos de ser no mundo, mesmo em tempos de tantas adversidades. (BATISTA, 2020, p.12).

Dessa forma, pode-se evidenciar o quanto a desestabilização provocada pela crise pôde provocar o debate para que se avançasse na busca de soluções. Através do diálogo, que pretende o enfrentamento da realidade e a problematização, houve a troca no sentido de encontrar novos caminhos. Um debate novo e ao mesmo tempo tão antigo, pois, como lembrou o professor Nildo Batista, ao fim dos encontros, o mestre Paulo Freire já afirmava que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. (FREIRE, 1999, p. 23).

Como caminho para repensarmos a educação em saúde em tempos de crise, retomaremos a complexidade e a transdisciplinaridade em Morin, destacando dois saberes pensados por ele para o que seria a *Educação do Futuro*², a *condição humana* e a *incerteza* como uma via possível para uma formação mais ampla e, quiçá, capaz de contribuir com os recursos necessários para que o profissional de saúde se coloque diante

² Foi com objetivo, entre outros, de aprofundar a visão transdisciplinar da educação que a Unesco solicitou a Edgar Morin que expusesse suas ideias sobre educação do amanhã. Edgar Morin aceitou os desafios e nos brindou com um texto da mais profunda reflexão que sabiamente intitulou: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.

do momento presente fortalecido por uma compreensão mais acurada da realidade, pelos saberes para além daqueles biomédicos e, cada vez mais, pela atuação conjunta.

1. Complexidade como fundamento para uma Educação Transdisciplinar

A partir dos anos sessenta, Edgar Morin, passa a reorganizar sua teoria, denominando-a de terceira reorganização, sendo aquela que vai lançar os fundamentos do pensamento complexo. Essa reorganização tem suas formulações baseadas na teoria da informação, teoria dos sistemas e a cibernética visto que, elas preparam as bases epistemológicas da complexidade.

Para compreendermos a complexidade proposta por ele, podemos iniciar uma exposição pela etimologia da palavra *complexus* como aquilo que é tecido junto, ou seja, um entrelaçamento inseparável, o tecido do conhecimento a partir de constituintes heterogêneas, levantando o paradoxo do uno e do múltiplo, o todo e as partes. Em contraposição ao iluminismo, que nos compreendia, basicamente, como seres racionais, o pensamento complexo aponta para um ser humano que vai além da razão, somos seres de incertezas, ambíguos, vivemos a desordem e nessa inquietude somos seres fenomênicos, respondemos aos fenômenos sejam eles sociais, culturais ou de outra ordem. O conhecimento precisa então considerar esses elementos e propor a ordenação, selecionando os elementos de modo a

clarificar e distinguir. (MORIN, 2006, p.13). Em busca de explicitar a complexidade ele aponta para o seguinte exemplo:

Imaginemos uma tapeçaria contemporânea. Ela comporta fios de linho, seda, algodão, lã, de cores variadas. Para conhecê-la, seria interessante conhecer as leis e princípios relativos a cada uma dessas espécies de fio. Contudo, a soma dos conhecimentos sobre cada tipo de fio que compõem a tapeçaria é insuficiente para conhecer essa nova realidade que é o tecido, isto é, as qualidades e propriedades próprias desta textura, como, além disso, é incapaz de nos ajudar a conhecer sua forma e sua configuração. (MORIN, 2021, p.1).

Como somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, pode-se pensar na complexidade como aquela que concebe a articulação, a identidade e a diferença desses aspectos. Por conseguinte, a complexidade ambiciona dar conta das articulações despedaçadas provocadas pela simplificação. Caminhando assim para um conhecimento multidimensional que não pretende esgotar as informações de um fenômeno, mas respeitar suas dimensões.

Nesse sentido, podemos compreender que a complexidade não surge como certeza, mas como incerteza, como uma dificuldade que não pretende a verdade em suas respostas

A desordem e o acaso estão presentes no universo e na sua evolução, e por outro lado, não podemos resolver as incertezas que as noções de desordem e acaso nos trazem; o próprio acaso não está certo de ser acaso. A incerteza continua, inclusive no que se diz respeito à natureza da incerteza que o acaso traz. (MORIN, 2019, p.178).

Reagindo às incertezas em busca de seu contrário, tendemos ao reducionismo, presente na ciência moderna. “A ciência clássica baseava-se na ideia de que a complexidade do mundo dos fenômenos podia

e devia resolver-se a partir de princípios simples a partir de leis gerais.” (MORIN, 2019, p.329). O reducionismo como princípio resume os conhecimentos dos sistemas e grupos ao conhecimento das partes, busca a compreensão da vida e dos fenômenos a partir de seus fragmentos, de recortes, o que compromete uma compreensão mais apurada, principalmente, quando entendemos que o resultado a que chegamos, ao reduzir a realidade, a tenha abarcado como um todo. Ao contrário, não podemos perder de vista que a redução, embora possa ser útil para fins de aprofundamento, é sempre uma redução e, conseqüentemente, não pode ser considerada como a realidade que, ao contrário, exige de nós uma aproximação que considere sua complexidade.

Para que possamos lançar alicerces que sustentem esse pensamento, sem pretensão de esgotar o tema da complexidade em Morin, podemos rever os três princípios sobre os quais sua epistemologia está assentada. São eles três operadores cerebrais presentes no mundo.

O princípio hologramático³: “Nesse sentido podemos dizer que não só a parte está no todo, mas o todo está na parte” (MORIN, 2019, p.181). Não se trata do que é mais importante parte ou todo, se os dois estão conectados merecendo o mesmo grau de atenção. O todo e a parte são menos e são mais, importando o que desejo no momento.

O princípio da recursividade: “...é a organização cujos efeitos e produtos são necessários à sua própria causação e a sua própria produção... uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas” (Morin, 2005, p.302)

organizações produzem um todo que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los...” (MORIN, 2019 p. 182). Uma ideia de interconectividade, a causa que produz o efeito que produz a causa, somos recursivamente causa/efeito em um mundo organizado em uma espiral.

O princípio dialógico: “A dialógica permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo”. (MORIN, 2000, p. 96). Aquele que acolhe a contradição, dialogia, rediscute e complementa o conceito de dialética, na dialética, a síntese apresenta-se como resolução do problema, no dialógico existem contradições insuperáveis, não precisamos necessariamente responder uma questão, mas problematizá-la e discuti-la.

Em seu livro, *Ciência com consciência*, Morin aponta que muitos equívocos têm se dado quando não existe um certo aprofundamento nessa epistemologia. Alerta que a marginalização sofrida pela complexidade advém de dois mal-entendidos, sendo o primeiro concebê-la como aquela que iria substituir a simplificação, ou ainda, ao contrário, apareceria como antagonista da clareza e da ordem, surgindo assim, como aquela que convida à obscuridade e o segundo abordar complexidade como completude, o que distorce o problema da complexidade, pois a incompletude faz parte do conhecimento. (MORIN, 2019, p.176 e 177)

Nesse sentido, o autor aponta que não é possível chegar à complexidade por uma definição prévia, mas percorrer caminhos que conduzam a esse desafio, considerando, por exemplo, o acaso e a desordem do universo, a ordem e a desordem, o homem e sua singularidade capaz de

produzir singularidades. Sendo que está inserido numa espacialidade e em uma temporalidade. Existe ainda a complicação causada pela infinidade de inter-relações e da noção de que o todo organizado não é maior do que as partes. (MORIN, 2019, p. 179 e 180)

A educação proposta por Morin para o segundo milênio se propunha a contemplar a era planetária, onde o mundo está interconectado, as barreiras geográficas não são capazes de conter em suas fronteiras as informações, os conhecimentos e, como vimos recentemente, nem o vírus. A conectividade nos transformou em uma unidade que ao mesmo tempo é multidimensional. “O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo como um todo, está cada vez mais presente em cada uma das suas partes.” (MORIN, 2000, p.67). Na era planetária vivemos a unificação do mundo e ao mesmo tempo cada vez mais sua individualização, um paradoxo, ainda fragmentado criou a um só tempo um tecido único. (MORIN, 2000, p..69)

Em seus estudos (MORIN, 2019 p.175) evidencia a necessidade de um olhar transdisciplinar para abarcar essa complexidade que vise uma reaproximação dialética dos saberes. Uma educação transdisciplinar, onde o diálogo se estabelece através de uma constelação de saberes, podemos religar os conhecimentos sem hierarquizá-los, em uma integração que abarque toda a complexidade dessa era planetária. Era essa, em que as incertezas não são mais territoriais, mas globais, como pudemos vivenciar com a aparição de um vírus; que não tem nacionalidade, portanto não necessita de passaporte para transitar, é planetário. A transdisciplinaridade

abarca a ideia de religar os saberes separados pelo cartesianismo, construindo um *metaponto de vista*, onde podemos ter juntos, o físico, o poeta, o artista e o matemático e o filósofo.

Portanto seria uma educação que considera o homem para além de sua nacionalidade, considerando a sua condição própria e, consequentemente, que ele carrega as perguntas filosóficas que são pertinentes ao ser humano.

2. Dois saberes para a educação do presente

É no meio dessa incerteza que profissionais da saúde estão revendo paradigmas e procurando respostas. A morte, como esse momento incerto e, ao mesmo tempo, próprio da condição humana se escancara diante dos nossos olhos. Como parte desse universo, todos ficamos expostos, e a sociedade como um todo passa a cobrar da medicina a solução, todavia, os profissionais da área, que no imaginário popular são responsáveis por salvar vidas, também estão sem respostas. Nesse sentido, vemos a necessidade de considerar a singularidade, a temporalidade e a localidade desse fenômeno.

Essas necessidades se contrapõem a universalização apresentada nas ciências naturais que chamamos de universalistas, pois acabam por eliminar a singularidade, a temporalidade e a localidade, para (MORIN, 2019, p.179) “Portanto, não podemos trocar o singular e o local pelo universal: a contrário, devemos uni-los.”

Foi em seu livro “*Sete saberes para uma Educação do Futuro*” que (MORIN,2020) avança no sentido de rever alguns paradigmas da Educação, reafirmando o conceito de multidimensionalidade, apontando assim, para a transdisciplinaridade e como esses conceitos sustentam um caminho para essa Educação que se dá em uma era global e planetária. Apesar de se debruçar sobre o tema há tantos anos, nunca foi tão atual pensarmos alguns conceitos desenvolvidos por Morin para essa Educação do futuro que agora como nunca é do presente.

Destacamos aqui, um saber que converge com a nossa atual situação de pandemia e pode nos auxiliar na reflexão sobre uma educação que abarca a multidimensionalidade, portanto, uma educação transdisciplinar: ensinar a condição Humana “Desse modo, a condição humana deveria ser objeto essencial de todo ensino”. (MORIN, 2020, p. 15)

Ao pensar a educação como o ensino da condição humana, trata-se de conhecer-se e reconhecer-se como humano dentro de um universo, ou seja, a partir de perguntas de ordem filosófica. Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Para ele, para que esse ensino da condição humana aconteça é necessário um *remembramento* dos conhecimentos:

[...] é necessário promover um remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas, para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também, a literatura, a poesia e a arte. (MORIN, 2020, p.48)

A hominização, saber-se homem nesse processo evolutivo, suscita indagações sobre nossa animalidade e nossa humanidade, saber-se humano é saber-se singular e múltiplo, somos seres hologramáticos, somos parte do cosmos e um cosmo individual, nossas multiplicidades interiores, nossa poliexistência real e imaginária, na obediência ou na transgressão nos torna seres de desejos e de amores insatisfeitos. Somos esse emaranhado de facetas que compõem nossa condição, cósmica, física terrestre e humana. (MORIN, 2000, p. 50 e 51)

Sendo parte dessa espécie e no desejo de cuidar dessa mesma espécie, como poderiam os profissionais da saúde serem capazes de ter ao menos uma leve compreensão de si mesmos e do outro? Entendemos que a filosofia pode propiciar um ambiente de reflexão capaz de acolher essas demandas que são próprias da natureza humana. A presença da filosofia em uma perspectiva transdisciplinar pode ampliar o diálogo sobre as questões que envolvem o homem para além de sua dimensão física. Ao continuar desenhando essa condição humana e sua complexidade ele diz que:

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável, sorri, ri, chora mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também angustiado, gozador, ébrio, estático, é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que pode não crer nela.... (MORIN, 2020, p.59).

Nesse trecho ele destaca as contradições humanas, e consequentemente a contradição sobre a morte, sei da finitude, mas não quero crer nela. Seria essa formação para condição humana para além de tantas am-

biguidades saber-se um ser para a morte? E qual área do conhecimento encontra espaço, senão a filosofia?

Podemos entender que, falar da morte e da mesma como condição humana é filosofar. O grande ensaísta francês Michel de Montaigne, (1533-1592), escreveu sobre a filosofia da morte em seu ensaio *Que filosofar é aprender a morrer* (2017), construindo argumentos defendendo a necessidade de uma antecipação mental da morte, deixando evidente que uma preparação teria como fundamento o aniquilamento do temor da morte, como pressuposto fundamental para uma boa condução da vida. Poderia os espaços educacionais promoverem tal debate à luz da filosofia no intuito de saber-se humano, como um ser para a morte? Seria a transdisciplinaridade a possibilidade de uma formação em saúde que, embora considere a especialização, não deixe de considerar o amplo, a realidade como um todo e o quanto o pensamento filosófico poderia contribuir para isso ao tratar da condição humana e da morte como parte da vida.

Ainda outro saber que colabora com a discussão é o saber sobre enfrentamento de incertezas, apesar de vivermos em um mundo onde a incerteza faz parte da realidade, nossa educação não passa por esse viés. “Os séculos precedentes sempre acreditaram em um futuro, fosse ele repetitivo ou progressivo. O século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade.” (MORIN, 2000, p.79). A incerteza e nossa condição de seres para a morte tão evidenciadas nesse tempo, chama ao menos para uma reflexão dos caminhos que trilhamos na ciência.

Este prediz que o homem atingirá a imortalidade e controlará todas as coisas por meio da inteligência artificial. Essa promessa leva ao

paroxismo o mito da necessidade histórica do progresso e do domínio pelo homem não só da natureza, mas também de seu destino. Ora o extremo poder da técnica e da ciência não abole a debilidade humana diante da dor e da morte. (MORIN, 2020, p.25).

“Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (MORIN, 2003, p.59). É exatamente no terreno movediço da incerteza provocado pela crise pandêmica que dialogamos com o indeterminado que permeia nossos tempos. Certamente, nunca poderemos estar preparados para o enfrentamento de uma mortandade, que pode ser comparada a números de guerra, como esta que, infelizmente, estamos presenciando. Igualmente, não podemos jamais perder de vista a diferença muito bem demarcada entre a morte como parte de nossa condição – a humana e a morte por más condições de vida. Estamos todos diante da incerteza e nos deparando com a finitude humana, diante da necessidade de diferenciar o que é natural do que é fruto de decisões políticas.

Por outro lado, também é verdadeiro que, quando o avanço científico apontava outros horizontes, o vírus chegou para apontar a fragilidade de nossa condição humana e nos pôs como vassalos, desmoronando nossas certezas e nos fazendo mergulhar nesse terreno fértil para repensarmos os caminhos da Educação em Saúde, na qual a consideração da morte como parte da vida e de nossa condição de seres humanos e da incerteza, que coloca em xeque a prepotência do conhecimento, sejam consideradas.

3. Transdisciplinaridade e Educação em Saúde: Um axioma possível?

A proposição da transdisciplinaridade é um caminho que vem sendo apontado por vários estudiosos, entre eles, Edgar Morin. No entanto, um grande marco aconteceu em 1994 com o Manifesto da Transdisciplinaridade que visava fomentar a discussão do tema e convidar para a reflexão os educadores de todas as áreas. Como parte integrante desse texto, temos uma das definições mais claras de transdisciplinaridade:

Como o prefixo “trans” indica, a transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de todas as disciplinas. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 1999, p.22)

Podemos pensar que, quando a transdisciplinaridade é aplicada à educação, não é mais possível compreendermos que esses processos possam se dar sem envolvermos uma constelação de saberes, evitando a hierarquização, a fragmentação e a dissociação dos diversos campos do conhecimento. Examinando o sentido do prefixo *trans* vamos buscar as conexões possíveis no *entre*, no *através* e no *além*, visando uma ampliação do olhar para refletir sobre o que conecta as áreas do conhecimento buscando uma relação de horizontalidade.

Nesse sentido, a busca precisa contemplar os princípios que regem a complexidade, compreendendo o quanto o princípio hologramático precisa ser considerado, principalmente em se tratando de educação em saúde. Partindo do princípio que se trata de um indivíduo social e cultu-

ral, não somente de um corpo biológico, ora é necessário olhar o todo, ora olhar a parte; sem perder de vista que um é o outro. Temos a demanda de uma visão transdisciplinar do indivíduo e do próprio corpo, para construirmos uma visão transdisciplinar em saúde que vai investigar o ser humano por trás do sintoma e para tanto dialogar com diversas áreas do conhecimento.

Na educação em saúde podemos voltar ao princípio da recursividade, onde causa e efeito estão se retroalimentando, vimos, por exemplo, nesse momento pandêmico, o quanto precisamos nos voltar a outras áreas, como por exemplo a ecologia, economia, a política, a sociologia, a psicologia, a psiquiatria, a filosofia, as ciências humanas e as humanidades, que se retroalimentam e se mostraram absolutamente necessárias para o enfrentamento da crise sanitária e humana que estamos vivendo. Não é possível olhar para o vírus de forma isolada, sem nos aprofundarmos em questões socioambientais e político-econômicas compreendendo, por exemplo, o quanto as condições ambientais interferem na aparição de novos vírus. A biologia não esgota o que se precisa saber.

Da mesma forma, é preciso entender o próprio ser humano, rever o que fazemos ao mundo, à natureza, aos outros em nossas relações e a nós mesmos. Ainda no princípio de recursividade ao pensarmos no corpo adoecido, quantos processos sociais, psíquicos e espirituais envolvem esse corpo?

Retomando o *entre*, o *através* e o *além*, que constroem a transdisciplinaridade, compreendemos que uma posição dialética precisa considerar essa intersecção das diversas áreas do conhecimento propondo um

diálogo que assuma suas divergências, não como uma barreira, mas como uma oportunidade, assentindo que a hierarquização compromete a educação, e mais ainda que mesmo com o diálogo poderemos chegar a contradições insuperáveis que podem conviver.

Assim nos aproximamos de uma educação transdisciplinar baseada na teoria da complexidade, que sustenta a busca de adequação às exigências do mundo contemporâneo, sendo necessário reconectar os saberes, para que educandos de qualquer nível ou qualquer área sejam capazes de ter acesso ao conhecimento específico, sem perder de vista o todo.

Várias tensões entre biologia, psicologia, ecologia, sociologia economia, política cultura, espiritualidade, são perpetuadas por um sistema de educação moldado por valores disciplinares e pela hiperespecialização consequentemente a fragmentação, o que contribui para um corpo desconectado do seu ambiente social econômico e político.

A globalização dos desafios de nossa era envolve a globalização dos problemas da educação. Vivemos a desarmonia entre os valores e as realidades da vida planetária em um processo de globalização e de mudança. Posto que não existe uma via única, os tempos atuais nos deram ao menos um questionamento comum.

O Verdadeiro realismo de 2020 é não voltar a aparente normalidade anterior, mas reformar a política, o Estado, a civilização. Quando a sociedade está em transformação esse realismo trivial não quer nem pode pensar em transformar essa transformação. O verdadeiro realismo, por sua vez, tenta conceber as possibilidades de utilizar e modificar os processos transformadores do presente. (MORIN, 2020, p. 88)

Essas são as mais recentes declarações de Morin, porém, não podemos deixar de considerar que ainda em 1988, As Edições Unesco Brasil editou, *Educação um Tesouro a Descobrir Relatório da Comissão Internacional sobre A Educação para o século XXI*. Nesse documento foram contemplados os quatro pilares de um novo tipo de educação: aprendendo a conhecer, aprendendo a fazer, aprendendo a viver em conjunto e aprendendo a ser. Pilares esses que apontam para nossa constituição humana, sendo eles indispensáveis quando uma educação integral. “Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes.” (MORIN, 2000, p.11)

Dessa forma se considerarmos esses pilares que apontam para uma formação humana em educação, podemos vislumbrar uma mudança de paradigmas quanto a educação e sua função, que, para além da formação profissional, pretende a formação humana, buscando uma adequação às exigências do mundo contemporâneo, para que educandos de qualquer nível ou qualquer área sejam capazes de ter acesso ao conhecimento específico, sem perder de vista o todo, inclusive em saúde. Portanto, uma educação transdisciplinar.

Considerações finais

O enfrentamento da incerteza e da morte provocados pela pandemia do Coronavírus, somado aos desafios contemporâneos de um mundo globalizado em uma era planetária, está proporcionando um espaço para dialogar educação em saúde apontando para a necessidade de reformular

a educação. Como discutimos e refletimos, a transdisciplinaridade mostra-se como possibilidade de uma formação que contemple todas as dimensões humanas.

A crise pode ser a possibilidade de diálogo e conexão entre os campos do conhecimento para que paradigmas possam ser mudados e instaure-se um olhar para o humano em toda a sua complexidade para que assim possamos buscar no *além*, no *entre* e no *através* proposto pela transdisciplinaridade uma conexão para que os saberes possam dialogar, possibilitando um avanço na educação, tendo como base a articulação de saberes.

Como vimos, ao considerar o pensamento de Morin, uma filosofia da saúde que proponha a consideração da condição humana – morte, dor, sofrimento, incerteza e tudo aquilo que nos faz sermos quem somos, pode contribuir com a formação dos profissionais desta área propiciando que, ao olharem para si mesmos, possam ampliar o seu olhar e compreensão do outro e do mundo onde vivemos juntos.

Referências Bibliográficas

D'AMBROSIO, Ubiratan. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 23a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

JAPIASSU, Hilton. O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Triom: São Paulo, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaios: que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro: São Paulo, Cortez, 2000.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Ciência com consciência: rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2019.

_____. A hora de mudarmos de via as lições do coronavírus: Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020.

_____. A complexidade e a empresa. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/Morin5.htm>>. Acesso em 26/04/2021

PATRICK, Paul. Saúde e Transdisciplinaridade: A importância da subjetividade nos cuidados médicos. Trad. Marly Segreto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013